

## MÍDIAS EM FESTA: A AMPLIAÇÃO DO PROTAGONISMO AFROAMAZÔNIDA DO MAZAGÃO VELHO (AP) NAS NARRATIVAS DE JOSEANE CALAZANS DE BRITO<sup>1</sup>

SUELLEN AMANDA DA SILVA FREIRE

Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Tefé, Amazonas, Brasil

JOSEANE CALAZANS DE BRITO

Rádio São José, Macapá, Amapá, Brasil

GUILHERME GITAHY DE FIGUEIREDO

Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Tefé, Amazonas, Brasil

Ananse, maravilhado, desceu por sua teia de prata, levando consigo o baú das histórias até o povo de sua aldeia. Quando ele abriu o baú, as histórias se espalharam pelos quatro cantos do mundo vindo chegar até aqui (Deus, 2020, p. 21).

---

RESUMO: O artigo apresenta uma análise dialógica sobre os saberes e práticas de comunicação livre e popular de Joseane Calazans de Brito, historiadora e comunicadora afroamazônida, que nasceu no distrito de Mazagão Velho, no Amapá, e que tem inventado um modo de fazer comunicação inspirado principalmente no trabalho dos mestres de cultura da sua região. Foi utilizada a etnografia dialógica, tomando-se as narrativas de Joseane como conhecimento teórico produzido fora da universidade por sujeitos históricos que, colocados em diálogo com a ciência já reconhecida, impulsionam a descolonização da ciência amazônida. A reflexão revelou que Joseane agregou métodos da história e da comunicação livre e popular a formas tradicionais de se fazer conhecimento e cultura, mistura que intensificou a sua criatividade.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação Popular; Rádio Livre; Teoria; Negritude Amazônida; Mazagão Velho.

---

### INTRODUÇÃO

A comunicação está presente na vida de todas as pessoas, mas, assim como os sujeitos se constituem de modos diversos, eles também produzem diferentes perspectivas e práticas do que é a comunicação. Para Paulo Freire (1987), a comunicação é uma dimensão fundamental da história, ou seja, da práxis humana (ação, reflexão e ação), pois é por meio do diálogo que a história pode ser partilhada por diferentes sujeitos, sem que nenhum grupo seja tratado como objeto. Nesse sentido, a comunicação horizontal é o que torna possível a comunhão democrática nas ações e reflexões que constituem a história, enquanto a comunicação vertical corresponde às relações de dominação.

O conceito europeu de comunicação, segundo Mario Kaplún (1985), vem do latim "*communis*", que é a mesma raiz de "comunidade" e "comunhão". Ao detalhar o seu conceito de "comunicação popular", o autor afirma que esse é um processo de diálogo, educação, participação e organização; ou seja, assim como propicia a partilha na construção da história, é também uma autoconstrução dos sujeitos coletivos, como os movimentos sociais, comunidades e as estruturas democráticas de uma sociedade. As experiências concretas que o autor menciona são muito variadas: teatro popular, programa popular de rádio, rádios poste, audiovisual, jornais etc. Em comum, têm a proposta de fazer "uma comunicação libertadora, transformadora, que tem o povo como gerador e protagonista" (Kaplún, 1985, p. 7).

Como o conceito de comunicação enquanto autoconstrução dos sujeitos coletivos e partilha da história abre um leque muito amplo e diverso de possibilidades de experiências e saberes, Kaplún (1985) nos ajuda a investigar as realizações criativas de comunicadoras e comunicadores populares da Amazônia. A cada prática corresponde um processo de reflexão, e podemos ter acesso a esses saberes através das narrativas orais, uma vez que elas são a principal linguagem com a qual as reflexões e ações coletivas são articuladas na vida cotidiana.

Bell Hooks (2013) reconhece o potencial científico das reflexões feitas por sujeitos em suas vidas, através das quais desnaturalizam o que parecia inevitável e imaginam novas possibilidades de se viver e se relacionar no mundo. Para ela, essas reflexões cotidianas também são "teoria". A diferença entre as teorias acadêmicas e não acadêmicas diz mais respeito à linguagem técnica, às condições institucionais e aos critérios metodológicos do que à sua objetividade e importância enquanto modos diversos de produção de conhecimento. A autora traz exemplos de sua própria vida, e da história do feminismo, para mostrar como muitas ideias que movem a ciência são inventadas fora das instituições. Seja uma criança que começa a refletir e criar os seus caminhos ou um grupo de mulheres que se reúne para dialogar sobre as violências que sofrem, estão todas produzindo teorias.

A proposta deste artigo, valendo-se do método da etnografia dialógica (Figueiredo, 2020; Pacheco de Oliveira, 2013; Bensa, 2015), é fazer um diálogo entre a academia e as práticas e saberes de Joseane Calazans de Brito, comunicadora popular e negra do Amapá, buscando uma tradução desses saberes para o gênero dissertativo e um debate com a literatura acadêmica. Joseane participou do processo de escrita, inicialmente tecendo narrativas de história de vida e das suas experiências como comunicadora em dois encontros presenciais: um durante o VIII Fórum Social Panamazônico de 2017, em Tarapoto, no Peru; e outro em seu território, em 2019, no Amapá. Posteriormente, ela participou de novos diálogos por redes sociais, em que Joseane ajudou a esclarecer questões a respeito das narrativas gravadas e das postagens que fazia, e onde depois expressou emoção ao ler o texto final antes de ser submetido para publicação. Os coautores, Suellen Freire e Guilherme Gitahy, também são comunicadores populares e atuam no coletivo Ampliando Vozes, no município de Tefé (AM). Então, para além do interesse acadêmico, há também a busca do aprendizado para intensificar a criatividade das ações realizadas nessa outra Amazônia.

Joseane é natural do distrito de Mazagão Velho, localizado no município de Mazagão, no estado do Amapá<sup>2</sup>, que ela chama carinhosamente de “vila”. Trata-se de uma cidade da África que atravessou o Atlântico, pois sua população migrou quase inteira para a Amazônia no final do século XVIII. É formada majoritariamente por pessoas afrodescendentes, além de ser rica em manifestações culturais como as festas do Divino Espírito Santo e de São Tiago. A comunicação que Joseane realiza é voltada especialmente para essa comunidade, priorizando a memória e a divulgação das manifestações culturais como as festas populares, danças, músicas, sempre valorizando os protagonistas que dão vida a elas.

O trabalho de Joseane é importante porque, enquanto comunicadora popular amazônida e negra, nos oferece a oportunidade de conhecer uma parte da população da Amazônia que é silenciada por estereótipos cristalizados na sociedade e reproduzidos na educação e na mídia. As narrativas que ela produziu para esta pesquisa revelam como ela faz, concebe e reinventa a comunicação popular para levar a um público amazônida, nacional e internacional, os sons, imagens e textos de uma das muitas Amazônias: a negra.

Para conhecer a comunicação realizada por Joseane, é necessário começar pela situação histórica vivida por ela e o seu povo, pois é dela que nascem as teorias e práticas narradas pela comunicadora. A análise parte de suas narrativas, tomando-as não como objeto de estudo, mas enquanto conhecimento produzido fora da academia por sujeitos históricos coletivos da Amazônia negra que, colocados em diálogo com autores da academia, impulsionam a descolonização dos modos amazônidas de se fazer ciência. É uma ação afirmativa para a universidade da Amazônia se abrir aos sujeitos históricos de sua própria região, enquanto para estes é uma oportunidade para fortalecer as suas estratégias de reflexão, ação e comunicação.

Como trata-se de mergulhar em narrativas que possuem temporalidades diferentes da cronológica, decidimos não solicitar datas. A ênfase foi cartografar o entrelaçamento das práticas e teorias na linguagem do gênero narrativo, já que neste a fronteira entre ambas não existe. É através da invenção e partilha de narrativas, que a maioria dos sujeitos da história tecem para si e entre si o diálogo que faz a práxis tornar-se coletiva. Trata-se, aqui, de fazer o diálogo entre narrativa e dissertação, lançando pontes entre a vida e a ciência da nossa história amazônida.

#### MAZAGÃO VELHO: “BERÇO DA CULTURA AMAPAENSE”

Joseane Calazans de Brito é professora de História e comunicadora. O distrito de Mazagão Velho (AP), onde nasceu, fica a 65 quilômetros de Macapá, e sua origem remonta ao período pombalino na Amazônia. Já existia uma Mazagão na África, mais precisamente em Marrocos, que era possessão portuguesa. Por volta de 1770, a Coroa Lusitana, por meio da figura de Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, decidiu transferir as famílias da Mazagão africana para o local onde é atualmente a vila, próximo às margens do Rio Mutuacá. Por essa razão, Mazagão Velho ficou conhecida como a comunidade que atravessou o Atlântico. O objetivo de Portugal foi utilizar essa população para atuar como linha de frente na defesa das fronteiras da Amazônia, nos conflitos gerados a partir da invasão francesa (Gonçalves; Pereira, 2016).

Algumas das manifestações mais importantes de Mazagão Velho são as culturais e religiosas, que atraem muitos turistas. Entre elas, a mais conhecida é a Festa de São Tiago, que acontece entre 16 e 28 de julho e encena o conflito entre os cristãos e os mouros<sup>3</sup> por meio do teatro, danças e vários ritos religiosos<sup>4</sup>. Há ainda a Festa do Divino Espírito Santo, que também ocorre em várias partes do Brasil. Segundo Gonçalves e Pereira (2016), os festejos em homenagem a São Tiago já ocorriam em Marrocos e, com a transferência das famílias para o Brasil, muitas práticas religiosas e culturais foram trazidas e transformadas. Sobre a Festa do Divino Espírito Santo, há fortes indícios de que as comemorações possam ter surgido em Portugal no século XIV e chegado ao Brasil no século XIX. Com a participação de africanos, portugueses e açorianos, elas foram crescendo e se transformando em grandes manifestações (Machado, 2014). As festividades realizadas em Mazagão Velho, assim como em outras comunidades quilombolas no estado do Amapá, têm, entre suas características, a ligação entre as heranças africanas e europeias, forjadas em meio aos processos de colonização, escravidão e resistência.

Para Sândala Cristina da Soledade Machado (2014), essa mescla de aspectos culturais e religiosos tem um significado muito importante para os povos afroamazônidas. No que se refere às festas religiosas de São Tiago e do Divino Espírito Santo, ela destaca o papel das irmandades e confrarias leigas<sup>5</sup>, pois tem sido por meio delas que os negros têm reinventado as festas, conquistando espaços para a construção e fortalecimento da identidade dentro de uma sociedade racista e repressora. A fé católica praticada pelos negros da irmandade ficou conhecida como afrocatolicismo, termo utilizado para designar o sincretismo com as tradições de origem africana.

As festas têm sido oportunidades de reelaboração do “corpo negro” que, segundo Zélia Amador de Deus (2020), encarnam e performatizam a resistência cultural e religiosa dos afroamazônidas, reinventando ritos e danças que contam histórias e que resistem. Se na colonização e escravização os seus corpos eram “coisificados”, eles nunca deixaram de ser o que a autora chama de “baú de Ananse”, uma divindade africana em forma de aranha, originária dos povos Fanti-Ashanti da região do Benin, na África Ocidental, que reúne em seu baú as teias das histórias dos povos negros. Ela utiliza essa metáfora para se referir a tessitura de histórias que, ao atravessarem o oceano, possibilitaram a esses corpos nunca deixarem de ser sujeitos. Na medida em que a luta antiescravagista e antirracista avançou, essas heranças passaram a ser cada vez mais fundamentais para a reconstrução pessoal e coletiva através da religião, arte, línguas, danças e que são expressas a partir do corpo. Os mazaganenses, assim como Ananse, têm tecido os fios que mantêm vivas as histórias e as memórias da diáspora através das suas festas.

No processo da diáspora, aqueles homens e mulheres que atravessaram o oceano desamparados viram rompidos os laços de linhagem que os agregava como etnias e, para não sucumbir, tiveram que elaborar diversas estratégias de sobrevivência. [...] E, para tanto, não contaram com outros recursos, senão seus corpos, suas mãos, suas habilidades com o que foram capazes de criar e improvisar (Deus, 2020, p. 49).

Atualmente, a presença negra está nas melodias e expressões corporais como o lundu<sup>6</sup>, o batuque, e a dança do marabaixo, alguns exemplos que demonstram a diversidade de elementos usada na elaboração das festas e celebrações de Mazagão Velho, em meio às quais Joseane cresceu e se encantou. Porém, nem sempre os mais jovens foram incluídos: “(...) o que eu observei é que antigamente as crianças não tinham acesso à conversa dos adultos, então para você entrar numa das manifestações, para você fazer alguma coisa além do que você deveria, tinha que completar dezoito anos” (Brito, 2019a). A situação histórica também incluía, segundo ela, outras privações que costumam atingir populações de agricultores, como é o caso de Mazagão: a dificuldade de locomoção por só haver transporte fluvial e o acesso limitado aos estudos.

O aprendizado das tradições afroamazônidas, segundo ela, foi prejudicado por essa exclusão das crianças. Muitas delas se perderam com o tempo, já que quase não havia registros e a comunicação com filhos e netos sobre esses assuntos raramente acontecia. Assim, quando alguns membros mais velhos da comunidade faleciam, uma parte da história e das tradições ia com eles. Joseane afirma que esse foi um dos motivos que a levou, desde os nove anos, a anotar e a registrar as informações que podia: perdê-las significava deixar de lado a luta de seus ancestrais pela sobrevivência da cultura afrodescendente. E essa foi também uma das razões que a levou a escolher a área de História, na qual se formou na graduação. Queria entender como ocorreu o processo de formação de sua comunidade e dos seus festejos, frisando a relevância dessas manifestações para a “cultura de Mazagão Velho”, considerada por muitos o “berço da cultura amapaense”. Como veremos mais à frente, ao trabalhar a comunicação popular como modo adicional de expressão dessas culturas e identidades, Joseane passou a tornar esses festejos relevantes em novas intensidades e escalas, incluindo a cultura e a identidade da Amazônia brasileira e da Panamazônia.

## AS REDES SOCIAIS

A comunicação que Joseane narra nasceu com o objetivo de valorizar as tradições mazaganenses. Ela aponta que havia uma ausência de informações a respeito dessas manifestações, e de registros também: “(...) na verdade a história de Mazagão, antigamente, era só à base de oralidade, era difícil tu conseguir um livro que contasse aquela história, de dentro daquela comunidade (...)” (Brito, 2019a). Por essa razão, desde pequena resolveu registrar as informações como uma estratégia de manter essas tradições vivas e acessíveis. Joseane sentia que a falta de registros e documentos poderia ser um entrave para o desenvolvimento das pessoas, e relata um episódio que a deixou muito desconfortável:

[Eu] Participava do marabaixo, só que eu me afastei depois que veio o pessoal lá de Marrocos, o embaixador de Marrocos e de Portugal foram para Mazagão Velho, e nesse dia eu fiquei com vergonha porque eles pediram acervos daquela comunidade de Mazagão e não tinha, porque a gente só estava ali no meio dançando e não se importava muito em registrar (Brito, 2019a).

Diante dessa situação, e inspirada por um professor de História, ela resolveu seguir a carreira de docente e historiadora, para fazer com que seus alunos, assim como

ela própria, percebessem a importância de valorizar a história e a cultura mazaganense. Ela fez um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre a origem do festejo dedicado a São Tiago, onde utilizou teorias acadêmicas para aprofundar os conhecimentos sobre a sua comunidade. E, dessa relação com a academia, surgiu também a ideia de criar uma página nas redes sociais sobre o Mazagão Velho. Segundo Hooks (2013), as teorias não nascem apenas dentro das universidades e laboratórios, elas também são elaboradas a partir de vivências, de lugares de dor. No caso de Joseane, suas teorias e práticas de comunicação surgiram do sentimento de amor por sua comunidade, da compreensão de que a cultura e a história de seu povo são importantes, e da necessidade de romper com o silenciamento histórico dos povos afroamazônidas.

Já estudante de História, Joseane começou a escrever sobre as histórias de vida de vários moradores para que fossem reconhecidos, elevar a autoestima deles, e para desconstruir estereótipos a respeito da vila, geralmente vista como festeira e ociosa. Para ela, se apropriar das teorias acadêmicas e construir lugares de fala não apenas para si, mas também para o povo de Mazagão, se tornou uma prioridade. Questiona que “(...) não é só aquele momento de universidade, tudo o que eu aprender, tenho que levar pra minha vida, de alguma forma tenho que tirar um ensinamento, um aprendizado pra minha vida (...)” (Brito, 2019a). Foi com esse pensamento que ela resolveu reunir as biografias em um livro das “personalidades mazaganenses”, ainda inédito. No Facebook, ela tem uma página chamada Especial Nova Mazagão, onde publica as histórias de vida e divulga a agenda cultural e demais eventos do Mazagão Velho e das comunidades quilombolas da região.

Esse trabalho começou de uma forma simples, por meio da escrita de biografias dos moradores com o propósito de valorizá-los enquanto seres humanos e o trabalho que fazem. “É porque nas redes sociais eu gosto de atingir as pessoas de verdade. Por exemplo quando eu vejo que a pessoa está com a autoestima baixa, e vejo que aquela pessoa tem um grande trabalho dentro de qualquer setor de trabalho, independente do que faça” (Brito, 2019b). Contudo, Joseane percebeu que as redes sociais poderiam ter um impacto ainda maior, e passou a utilizá-las como um canal de apresentação não só de Mazagão Velho, mas também das outras comunidades do estado.

Porque parece, assim, que as comunidades são invisíveis. Parece que a nossa cultura, assim, o que presta é o de fora. O de dentro não vale nada. Tá entendendo? Então é uma forma mesmo de esclarecer, de mostrar e até mesmo de divulgar essa riqueza, esse riquíssimo legado cultural que o estado tem pra oferecer pra todo mundo (Brito, 2019b).

Joseane utiliza as redes sociais como uma plataforma de divulgação das histórias dos moradores, suas experiências, conhecimentos, lutas, aspirações e reivindicações. Ela publica, mas são eles os protagonistas desse trabalho de comunicação. Isso vai de encontro com o que Káplun (1985) destaca ao afirmar que, para realizar uma comunicação dialógica, é necessário partir das pessoas: “(...) conhecer e escutar os destinatários, ter em conta suas necessidades e aspirações para transformá-las em suas mensagens” (Káplun, 1985, p. 100). Joseane procura ter um olhar atento e

escreve sobre os moradores a partir de seus desejos e relatos, sendo uma mediadora para o protagonismo deles nas redes.

Piedade Lino Videira, em sua dissertação sobre o Ciclo do Marabaixo no bairro de Laguinho<sup>7</sup> de Macapá, escreve que "(...) é preciso que as cantigas, as ladainhas, as danças sejam transformadas em conteúdo educativo formal, por meio do resgate das histórias de vida e do aprendizado de arte, no convívio com quem tem a sabedoria de décadas" (Videira, 2020, p. 121). A sua proposta é bem parecida com o trabalho de Joseane, e mostra que as suas publicações nas redes possuem um caráter educativo considerado necessário para os povos da Amazônia. Além disso, amplifica os conhecimentos e realizações da população de Mazagão Velho, aumentando a escala do seu papel enquanto sujeito coletivo da história. Por outro lado, na medida em que esse trabalho foi ficando conhecido, Joseane também começou a receber convites para protagonizar novos modos de mediação através de documentários, redes panamazônicas, oficinas de comunicação livre e popular, e através do rádio.

#### DO DOCUMENTÁRIO ÀS EXPERIÊNCIAS COM RÁDIO

O trabalho de Joseane nas redes sociais atraiu, inicialmente, o convite do cineasta Gavin Andrews para participar de um documentário sobre Mazagão Velho, que a levou a Marrocos. As gravações trouxeram a ela a oportunidade de visitar o lugar de seus ancestrais, e de conhecer melhor a história da travessia deles pelo Atlântico e da chegada na Amazônia.

Essa oportunidade levou a outra, e foi convidada pelo ativista negro João Ataíde a integrar o Projeto Mídia dos Povos<sup>8</sup>, através do qual foi possível partilhar experiências e saberes com comunicadoras e comunicadores de vários estados brasileiros e de outros países da Amazônia, narrando as realizações de Mazagão Velho e levando mais longe a afirmação da negritude amazônica. Foi também nos encontros desse projeto que, pela primeira vez, teve contato com as rádios livres. Em uma oficina da rádio Voz da Ilha de Tefé (AM), aprendeu a construir mini transmissores e levou um para a sua vila. A oportunidade para os habitantes realizarem o seu próprio programa de rádio "(...) animou o povo sabe, eles assim ficaram (...) se sentindo assim até importantes (...)" (Brito, 2019a). Ela criou um programa de rádio dentro da escola onde lecionava:

Eu montei uma rádio na sala de aula, pra passar aquela história, entendeu? Pra ser mais interessante, levei uns 5 rádios e coloquei em pontos estratégicos da escola mesmo. Então, quem estava na escola escutou toda a minha aula e as explicações dos alunos (Brito, 2019b).

Como professora de História, preocupa-se com a formação dos jovens das comunidades, e por isso um dos seus sonhos é montar uma rádio comunitária ou livre, que consiga envolvê-los, ajudando no desenvolvimento social e cultural. Além disso, Joseane acredita que o fortalecimento do seu povo será maior através da ampliação da rede de comunicadoras e comunicadores em Mazagão Velho e nas comunidades adjacentes:

(...) Montar uma rádio, né? Pode ser até comunitária, pode ser a livre, dentro das comunidades. Não [só] do Mazagão, mas vir pra outros locais ribeirinhos, essas coisas. E levar esse conhecimento pra mais longe, entendeu? (...) Se eu conseguisse trazer alguém que viesse para cá para ministrar essas oficinas de rádio mesmo, livre, essas coisas, pra comunidade, daria para convidar os jovens da Foz, do Carvão, dessas comunidades que são próximas de Mazagão Velho, e fazer um encontro em Mazagão Velho (Brito, 2019b).

Infelizmente, a iniciativa com o mini transmissor não durou muito; primeiro, porque o alcance era curto e o aparelho frágil. Joseane tentou conseguir outro, mas para operar uma rádio ela precisaria obter uma concessão em um país em que o espectro eletromagnético é monopolizado por grandes corporações e oligarquias políticas. Contudo, essa experiência despertou em Joseane a vontade ainda maior de trabalhar com o meio radiofônico, e viu nessa plataforma uma nova chance de alavancar a história e a cultura de seu povo.

Veio então o convite da radialista Cristina Homobono, para que Joseane e João Ataíde se tornassem voluntários do programa Espaço MPB, que vai ao ar aos sábados na Rádio São José de Macapá, ligada à Igreja Católica. Joseane relata que a participação deles trouxe uma nova feição ao programa:

A gente deu um outro foco. Estamos levando e também estamos descobrindo talentos, entendeu? Que estavam escondidinhos ali, não tinham oportunidade. Porque as “grandes rádios”, né, como eles falam, não dão oportunidade para essas pessoas, como poetas, como os ribeirinhos, como os fazedores de cultura (Brito, 2019b).

Um dos quadros do programa é o Mitos e Lendas, que consiste em contar os “causos e contos” do estado, recebendo, como convidados especiais, os moradores das comunidades que conhecem essas histórias, além de abrir as portas para músicos e artistas locais que divulgam seus trabalhos. Se, nas redes sociais, Joseane já vinha praticando a escuta atenta para levar as suas narrativas para as publicações, no rádio, teve a oportunidade de convidar os narradores para tomarem a palavra nos microfones do estúdio, amplificando eles mesmos as suas vozes, saberes e artes.

Tanto nas redes sociais quanto nas experiências com rádio, a comunicação que Joseane narra é pesquisa e fortalecimento das memórias, festejos, artes e, especialmente, dos protagonistas da cultura afroamazônida. A preocupação e cuidado com as pessoas por trás das manifestações culturais, e a busca do seu reconhecimento, faz com que os moradores procurem a Joseane para colaborar em seu trabalho:

O que eu gosto, na verdade, o que eu amo fazer é essa preservação, é essa valorização, esse reconhecimento das pessoas que ajudam o nosso estado de alguma forma, independentemente do que seja, entendeu? Então eles se sentem representados por mim, de alguma forma (Brito, 2019a).



A comunicação inventada por Joseane tem gerado frutos. As pessoas sentem confiança e acreditam que essas ações fazem a diferença, o que anima o engajamento delas para levar não apenas saberes e artes, como também denúncias e reivindicações por políticas públicas. Desse modo, mais moradores tornam-se o que Kaplún (1985) chama de “emirec”, ou seja, emissores-receptores, superando a condição passiva que os grandes meios de comunicação tentam impor aos seus públicos.

Certamente, não é possível imaginar mensagens elaboradas por TODA a comunidade. Sempre será necessário uma equipe responsável, um grupo encarregado que assuma a sua produção. Mas se essa equipe é criativa e, ao invés de sentir-se emissora exclusiva e privilegiada, se situa como facilitadora, animadora, e organizadora da comunicação, pode encontrar formas e caminhos para os meios irem gerando um diálogo cada vez mais compartilhado; e irem fazendo-se gradualmente mais e mais abertos à participação dos seus destinatários (Kaplún, 1985, p. 86).

#### REDE AUTÔNOMA

Quando Joseane fala dos objetivos de seu trabalho, afirma que o principal deles é fortalecer e ampliar a rede de colaboradores que já existe entre as comunidades. Se o conceito de “rede”, na comunicação, frequentemente supõe a conexão das máquinas ou entre pessoas usando máquinas, é importante notar como a teoria dela destaca as ligações entre as pessoas e as diferentes modalidades de trabalho cultural que fazem. Ela narra o entrelaçamento das ações de mestres de cultura e artistas que, como ela, dedicam-se a fortalecer a cultura e a identidade afroamazônica do Amapá.

A rede começa dentro de Mazagão Velho, com pessoas como Jozué Videira. Ele é mestre de cultura e idealizador de vários projetos culturais, entre os quais destaca o que tem o intuito de ensinar as crianças e os jovens de Mazagão Velho a confeccionar as caixas e os tambores utilizados no Marabaixo e nas festividades locais. Isso é muito importante, sublinha Joseane, porque é uma maneira de integrar a geração mais nova às tradições mazaganenses e de preservá-las.

Jozué desenvolve seus projetos no centro cultural “Raízes do Marabaixo”, onde conta com a ajuda de Carlos Augusto Gomes, mais conhecido como Carlitão. Este é músico e professor de Educação Física, e desenvolve projetos relacionados à biografia de personalidades mazaganenses, ao resgate das músicas e ladainhas, além de ter um acervo documental riquíssimo sobre Mazagão Velho e outras comunidades. Foi Carlitão quem ajudou os moradores de Mazagão Velho a recuperarem a festa de fundação da vila, que estava acontecendo em Mazagão Novo, sede do município de Mazagão. Essa situação gerava um descontentamento muito grande para o povo da vila, porque a festa é parte da história do Mazagão Velho. Outra atividade dele tem sido levar os moradores para o seu estúdio de gravação, onde produz CDs e preserva a memória musical.

Em Macapá, Joseane menciona Cristina Homobono, que foi uma das primeiras mulheres a atuar no rádio do Amapá, e que também se dedica à valorização dos costumes e tradições. No seu programa, há um quadro, por exemplo, em que ela recebe um historiador para falar a respeito da história do estado. Como vimos acima, foi ela que convidou Joseane e João Ataíde para a rádio São José. João, por sua vez, é narrado por

ela como um dos seus maiores incentivadores, e que tem ajudado a abrir portas para o seu trabalho, como por exemplo o convite para a participação no projeto Mídia dos Povos. Ele é um importante músico e midiativista da arte e da cultura afroamazônida no estado.

Joseane explica que o seu trabalho como comunicadora só é possível porque existem outros sujeitos que compartilham do mesmo amor e dedicação à Mazagão Velho, e que juntos formam esta rede. É claro que nesse caminho surgem obstáculos: em várias ocasiões, ela se sentiu desanimada e frustrada, pois, mesmo com seus esforços em prol da vila, recebeu inúmeras críticas: “Porque tem as pessoas que nem te conhecem e pensam que tu faz aquilo porque tu quer ser política, tu quer entrar pra política, porque tu quer ser prefeito, quer ser vereador e isso não me interessa” (Brito, 2019b). O que podemos notar, é que a rede de colaboradores é também uma rede de apoio, e que, graças a ela, segue vivo o desejo de Joseane para narrar as histórias de Mazagão Velho por meio da comunicação livre e popular<sup>9</sup>.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, o trabalho de Joseane começou quando ela entendeu a importância que muitos, em sua comunidade, dão para o trabalho de pesquisa, memória, criação e amplificação das expressões artísticas e culturais populares de Mazagão Velho, “o berço da cultura amapaense”, dando continuidade à resistência e à humanização que se iniciou nos corpos dos ancestrais escravizados. Ela tinha muita curiosidade a respeito da história dessas manifestações e dos seus protagonistas, e encontrou na ciência acadêmica, e na comunicação livre e popular, os meios para aprender mais e, ao mesmo tempo, dar a sua contribuição.

Joseane produz e divulga conhecimentos e artes usando as tecnologias de comunicação e, mais que isso, fortalece o protagonismo dos seus colaboradores que também estão produzindo saberes e beleza por outros meios como a música, danças, festas populares e rituais religiosos populares. Neste sentido, a teoria e a prática da comunicação dela correspondem a uma versão midiática do trabalho feito pelos mestres de cultura afroamazônidas do Amapá, e se desenvolve em colaboração estreita com eles. Podemos dizer que ela é uma mestre de cultura da comunicação.

O trabalho de comunicação popular de Joseane começa com o ato de anotar e registrar, documentar as lembranças e memórias do seu povo, com o objetivo de valorizar os seus protagonistas. Ela ouve, aprende, cria e compartilha, fortalecendo e ampliando a tecedura de uma rede de colaboradores da cultura e da identidade afrodescendente do Amapá. Ouvindo as histórias de vida das pessoas, conversando com elas e anotando as suas recordações, ela aprende o quanto os sujeitos e suas práticas e saberes são relevantes para a construção da história, e a importância de que as novas gerações também possam aprender com eles. O trabalho continua na criação de espaços midiáticos para esses protagonistas e no envolvimento da comunidade como colaboradora.

Finalmente, este trabalho acabou alcançando também os coautores do artigo, pesquisadores e comunicadores populares de Tefé, no Amazonas. A colaboração com

FREIRE, S. A. da S.; BRITO, J. C. de; FIGUEIREDO, G. G. de.

Joseane começou em um encontro de comunicadores indígenas, quilombolas e de coletivos urbanos, propiciado em 2017 pelos projetos Mídia dos Povos e rede Pororoca<sup>10</sup>, que se uniram para partilhar saberes e fazer a cobertura presencial do VIII Fórum Social Panamazônico (FOSPA) de Tarapoto, no Peru. Um dos frutos deste encontro foi o início da gravação das narrativas de Joseane, que, levadas para a realização de trabalhos de pesquisa e extensão em Tefé, passaram a ecoar as vozes de várias gerações de Mazagão Velho, desde os primeiros corpos que resistiram até aqueles que hoje seguem enfrentando as tentativas de escravização. Do encontro com Joseane, no Peru, até a visita à sua casa em Mazagão Velho em 2019, e durante as muitas horas de escuta e análise das suas narrativas e postagens até 2022, ela vem encantando com a sua paixão pela vila e inspirando a comunicação popular feita em Tefé:

Seja onde eu estiver, ela [a vila] está sempre comigo. E assim aquelas personalidades, a cultura, aquele jeito de ser daquele povo, o jeito que eles me passaram, tudo isso eu guardo comigo e levo pra onde eu for. Entendeu? Então é essa a Joseane (Brito, 2019a).



Legenda: Joseane na frente de La Nave Radio da rede Pororoca, durante o VIII Fórum Social Panamazônico de 2017 em Tarapoto, Peru.

Artigo recebido em: 30/06/2023  
Aprovado para publicação em: 28/09/2023

**MEDIA AT PARTY: THE EXPANSION OF THE AFROAMAZON PROTAGONISM OF MAZAGÃO VELHO (AP) IN THE NARRATIVES OF JOSEANE CALAZANS DE BRITO**

**ABSTRACT:** The article presents a dialogical analysis of the knowledge and practices of free and popular communication of Joseane Calazans de Brito, an Afro-Amazonian historian and communicator who was born in the district of Mazagão Velho, in Amapá, and who has invented a way of doing communication inspired mainly in the work of the culture masters of her region. The dialogical ethnography was used, taking Joseane's narratives as theoretical knowledge produced outside the university by historical subjects that, placed in dialogue with already recognized science, propel the decolonization of Amazonian science. The reflection revealed that Joseane aggregated methods from history and from free and popular communication to traditional ways of doing knowledge and culture, a mixture that intensified her creativity.

**KEYWORDS:** Popular Communication; Free Radio; Theory; Amazonian Blackness; Mazagão Velho.

---

**MEDIOS DE FIESTA: LA AMPLIACIÓN DEL PROTAGONISMO AFROAMAZÓNICO DE MAZAGÃO VELHO (AP) EN LAS NARRATIVAS DE JOSEANE CALAZANS DE BRITO**

**RESUMEN:** El artículo presenta un análisis dialógico de los saberes y prácticas de comunicación libre y popular de Joseane Calazans de Brito, historiadora y comunicadora afroamazónica nacida en el distrito de Mazagão Velho, Amapá, que ha inventado una forma de hacer comunicación inspirada principalmente en el trabajo de los maestros de cultura de su región. Se utilizó la etnografía dialógica, tomando las narrativas de Joseane como conocimiento teórico producido fuera de la universidad por sujetos históricos que, puestos en diálogo con la ciencia ya reconocida, impulsan la descolonización de la ciencia amazónica. La reflexión reveló que Joseane agrega métodos de la historia y de la comunicación libre y popular a formas tradicionales de hacer conocimiento y cultura, una mezcla que intensificó su creatividad.

**PALABRAS CLAVE:** Comunicación Popular; Radio Libre; Teoría; Negritud Amazónica; Mazagão Velho.

---

**NOTAS**

1 - Este artigo é semente e fruto da pesquisa que resultou no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Licenciatura em História pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), intitulado "Comunicação popular na Amazônia: a produção de conhecimentos de Joseane Calazans de Brito em Mazagão Velho/AP". Mas não é o mesmo texto do TCC. A pesquisa integra também o projeto "Tecendo redes interculturais na(s) Amazônia(s)", do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UEA, e que tem como metodologia gravar narrativas de histórias de vida e relatos de experiência de comunicadoras e comunicadores populares (inclusive indígenas, quilombolas, etc.) de diferentes regiões da Panamazônia, para estabelecer um diálogo entre saberes acadêmicos e não acadêmicos que ajudem na descolonização da universidade e no

FREIRE, S. A. da S.; BRITO, J. C. de; FIGUEIREDO, G. G. de.

fortalecimento do protagonismo dos movimentos sociais, especialmente os ligados à democratização da comunicação.

2 - Mazagão Velho é um distrito do município de Mazagão, no interior do estado do Amapá. De acordo com o IBGE, a população do município, em 2022, era de 21.924 habitantes.

3 – “Mouro” era o nome dado pelos cristãos às pessoas de pele escura e de religião muçulmana que habitavam a Península Ibérica do século VIII ao XV.

4 - DA INFORMAÇÃO, P. C. DE G. DA T. **Mazagão**. Disponível em: <<https://www.portal.ap.gov.br/conheca/mazagao>>. Acesso em: 02. mar. 2023

5 - Associações laicas que funcionam sob princípios religiosos.

6 - O lundu é uma canção e dança trazida pelos africanos escravizados vindos de Angola e do Congo no final do século XVII.

7 - Bairro da capital do estado do Amapá, Macapá, que tem em sua composição uma maioria de moradores afrodescendentes.

8 - O Mídia dos Povos foi um projeto criado pela Associação Mundial de Rádios Comunitárias do Brasil (AMARC-Brasil), que buscava integrar povos tradicionais e coletivos de mídia, visando a formação de uma rede de comunicadores amazônidas.

9 - A atuação de Guilherme e Suellen como comunicadores populares em Tefé foi afetada pelo aprendizado com Joseane. Mas, além disso, após a finalização da escrita, foi possível notar como a experiência em comunicação deles também influenciou a análise. Em 2023, tiveram uma experiência especialmente marcante no coletivo Ampliando Vozes enquanto rede de apoio, e por isso tiveram a sensibilidade para notar elementos similares na rede narrada por Joseane.

10 - A rede Pororoca começou a ser formada em 2015 a partir do projeto *La Nave Va*, criado pela ONG *Radialistas Apasionadas y Apasionados* do Equador em parceria com Instituto de Defesa Legal (IDL) do Peru e AMARC-Brasil, em que comunicadores indígenas do Equador, Peru e Brasil fizeram uma viagem de Quito, capital do Equador, até Tefé, no estado do Amazonas do Brasil, aprendendo comunicação e fazendo a cobertura dos povos panamazônicos em defesa do meio ambiente, entre outras lutas. Em 2017, um grupo ampliado, que passou a incluir também indígenas da Colômbia e quilombolas da Amazônia oriental do Brasil, se reuniu no Peru para partilhar saberes e realizar a cobertura do VIII Fórum Social Panamazônico.

---

## REFERÊNCIAS

BENSA, Alban. **Después de Lévi-Strauss**: por una antropología de escala humana. México: FCE, 2015.

BRITO, Joseane Calazans. **Entrevista concedida ao projeto “Tecendo Redes Interculturais nas Amazôniaas”**. [18 ago. 2019]. Entrevistador: Guilherme Gitahy de Figueiredo. Macapá, 2019a. 1 arquivo mp3. (110 min.).

BRITO, Joseane Calazans. **Entrevista concedida ao projeto “Tecendo Redes Interculturais nas Amazôniaas”**. [19 ago. 2019]. Entrevistador: Guilherme Gitahy de Figueiredo. Amapá, 2019b. 1 arquivo mp3. (150 min.).

DEUS, Zélia Amador de. O corpo negro como marca identitária na diáspora africana. *In: Caminhos trilhados na luta antirracista*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Coleção Cultura Negra e identidades).

FIGUEIREDO, Guilherme Gitahy de. O “anjo exterminador” da Antropologia e a contribuição de June Nash para a etnografia dialógica. *In: SOUZA, Antônio; JUSTAMAND, Michel; CRUZ, Tharcísio. Fazendo Antropologia no Alto Solimões 27*. São Paulo e Manaus: Alexa Cultural e EDUA, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GONÇALVES, Luís Jorge; PEREIRA, Cláudia Matos. Mazagão Velho, Santuário de Santiago na Amazônia (Macapá-Brasil). *Revista Santuários, Cultura, Arte, Romarias, Peregrinações, Paisagens e Pessoas*, Lisboa (Portugal), v.1, n. 5, 2016. Disponível em: [https://www.cbsp.it/web/santuarios2016/programma%20e%20pdf%20vari/pdf\\_articoli/Gon%C3%A7alves%20&%20Pereira.pdf](https://www.cbsp.it/web/santuarios2016/programma%20e%20pdf%20vari/pdf_articoli/Gon%C3%A7alves%20&%20Pereira.pdf). Acesso em: 20 jul. 2022.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KAPLÚN, Mario. **El comunicador popular**. Quito: CIESPAL, 1985.

MACHADO, Sândala Cristina da Soledade. A Festa do Divino, nos dois lados do Atlântico. *Revista Tempo Amazônico*, Macapá (AP), v. 1, n. 2, 2014. Disponível em: [http://rj.anpuh.org/resources/download/1415135900\\_ARQUIVO\\_FESTADODIVINO.pdf](http://rj.anpuh.org/resources/download/1415135900_ARQUIVO_FESTADODIVINO.pdf). Acesso em: 20 jul. 2022.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. Etnografia enquanto compartilhamento e comunicação: desafios atuais às representações coloniais da antropologia. *In*: FELDMAN-BIANCO, Bela. **Desafios da Antropologia Brasileira**. Brasília: ABA, 2013.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Marabaixo, dança afrodescendente**: significando a identidade étnica do negro amapaense. Curitiba: Brazil Publishing, 2020.

---

SUELLEN AMANDA DA SILVA FREIRE: Graduada em História pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Integrante do coletivo de jornalismo popular Ampliando Vozes. Linhas de trabalho: comunicação popular, ensino de História e presença negra na Amazônia.  
Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-7392-2801>  
E-mail: [suellenfreire15.sf@gmail.com](mailto:suellenfreire15.sf@gmail.com)

---

JOSEANE CALAZANS DE BRITO: Licenciada em História pela Universidade Vale do Acaraú (UVA). Pós-graduada em Ensino Religioso e em História das Religiões por meio da Faculdade de Teologia e Ciências Humanas (FATECH). Linhas de trabalho: cultura afrodescendente do Amapá e comunicação popular.  
Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-6836-8170>  
E-mail: [joseanecalazans@bol.com.br](mailto:joseanecalazans@bol.com.br)

---

GUILHERME GITAHY DE FIGUEIREDO: Graduado em Ciências Sociais Geral, Antropologia e mestre em Ciência Política pela Unicamp. Fez doutorado em Antropologia Social no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é professor do curso de Pedagogia e do PPG Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Participa do coletivo de jornalismo popular Ampliando Vozes. Linhas de trabalho: antropologia da mídia e do colonialismo, educação e comunicação popular, educomunicação.  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3311-0471>  
E-mail: [gfigueiredo@uea.edu.br](mailto:gfigueiredo@uea.edu.br)

---

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 4.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).